

SOBRE PITCHULAS, TCHECAS E TCHURMAS:
estudo construcional sobre a africativização intencional no português brasileiro

Carlos Alexandre GONÇALVES (UFRJ/CNPq)

Jade Geovana Veroneses ALVES (SME/RJ)

Palavras iniciais

Vertentes contemporâneas da Gramática das Construções Baseada no Uso (GCBU) têm promovido uma ampliação conceitual expressiva do polo fonológico, a exemplo de Santos e Hoffmann (2024). Enquanto as formulações clássicas restringiam o escopo do polo formal a palavras e às estruturas sintáticas, o quadro teórico atual passa a integrar também propriedades segmentais, a exemplo do alongamento vocálico ('Fulano coooome'), da vocalização intencional ('véi(o)', 'gadaiaida') e do apagamento de sons com finalidade afetiva ('fofim', 'legalzim'), categorizando-as como recursos indexicais de natureza social, pragmática e expressiva. Santos e Hoffmann (2024) argumentam de forma explícita que excluir a fonologia da Gramática das Construções tornou-se insustentável. Os autores criticam as análises baseadas apenas na ortografia e demonstram como os fenômenos fonológicos (da alternância segmental à prosódia) desafiam a barreira tradicional entre som e significado.

Desse modo, a expansão do polo fonológico proposta pelas abordagens contemporâneas da GCBU encontra respaldo direto em Santos e Hoffmann (2024), que demonstram a insustentabilidade de se isolar a fonologia das redes construcionais. Elementos de indexicalidade social e expressividade deixam de ser periféricos e passam a integrar o núcleo do conhecimento linguístico armazenado pelo falante, conforme discutido nos modelos de redes baseadas no uso de Ungerer e Hartmann (2023).

Neste capítulo, baseados nos três trabalhos acima mencionados, analisamos, numa perspectiva construcionista da morfologia, de que maneira a africativização intencional (permuta sobretudo de /t/ por /tʃ/), pode ser descrita nesses modelos mais recentes. Nosso propósito central é mostrar que o fenômeno opera em dois eixos distintos: (a) indexicalidade social e (b) a pragmatização. Em ambos os casos, valemo-nos dos estudos de Gonçalves, especialmente os que abordam as funções indexical e atitudinal das operações morfológicas.

O texto é dividido como se segue: começamos pela descrição do processo que responde por sua manifestação natural na língua: a africativização. A seguir, analisamos

vários casos em que a alteração sonora é intencional e está a serviço de diversos propósitos comunicativos dos usuários. Por fim, apresentamos os resultados de formulário obtido a partir das respostas dos informantes acerca de várias estruturas analisadas ao longo do texto. Defendemos, no texto, a ideia de que a africativização constitui uma espécie de informação morfológica do tipo não concatenativa, por veicular conteúdos pragmáticos ou por servir de marca de identificação de um grupo sócio-cultural.

O processo fonológico da africativização

A africativização das oclusivas alveolares, /t, d/, é um fenômeno fonético-fonológico que caracteriza diversos falares brasileiros, sendo bastante comum, também, em algumas línguas neolatinas. Bhat (1978), por exemplo, o estudo tipológico mais citado sobre o assunto, analisou centenas de línguas e demonstrou que as consoantes coronais (alveolares/dentais) são os alvos mais frequentes da africativização nas línguas modernas. Petrosino e Calabrese (2022) elaboram minucioso estudo de como a palatalização reconstruiu profundamente o inventário consonantal das línguas neolatinas a partir do latim tardio. Uma dessas inovações é a criação de africadas. Por exemplo, o latim ‘diurno’ evoluiu para o italiano ‘giorno’, gerando a africada alveopalatal sonora, [dʒ]. O mesmo ocorreu no romeno, em que uma forma como ‘urceolus’ (“pequena jarra”) se transformou em ‘urcior’, cuja pronúncia é [urʲtʲor] (Petrosino; Calabrese, 2022, p. 130).

Estudo contrastivo de referência que estruturalmente analisa a transformação de oclusivas coronais (alveolares/dentais) em africadas, comparando o português brasileiro com padrões fonológicos do restante do mundo, foi realizado por Battisti e Hermans (2016). A pesquisa investiga os mecanismos que fazem das consoantes plosivas coronais os alvos preferenciais para a africativização interlinguística. Battisti e Hermans (2016) destacam, ainda, que a vogal anterior alta /i/ atua universalmente como gatilho perfeito para o processo, mesmo em línguas tipologicamente distintas.

Schwindt (2016) também explica a motivação estrutural do processo e detalha a razão de as oclusivas alveolares serem os alvos ideais e por que o [i] funciona como o gatilho perfeito. Em termos articulatórios, a africativização se caracteriza como alteração sonora “que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante devido ao desdobramento da parte média da língua no palato médio” (Câmara Jr., 1977, p. 186). De acordo com Oliveira *et al.* (2018, p. 2), esse processo “mantém, como particularidade de realização, a presença de um gatilho fonético com minudências

palatais”. Desse modo, trata-se de um fenômeno condicionado pelo ambiente circunvizinho, em que /t/ e /d/ são pronunciados como [tʃ] e [dʒ], a exemplo de [ˈtʃi.mi] e [ˈdʒi.ɐ]. Nesses casos, a transformação das oclusivas ocorre devido ao levantamento da língua condicionado pela vogal alta [i] circunvizinha (antecedente ou precedente), resultando em africadas alveolopalatais.

Freitag *et al.* (2019) elaboraram um quadro destacando as realizações variáveis das consoantes /t/ e /d/ no português brasileiro, apontando os contextos de palatalização progressiva e regressiva, ou seja, de gatilho antecedente e subsequente, quando os segmentos /t/ e /d/ são circunvizinhos à semivogal /j/, à vogal alta /i/ ou mesmo à postônica anterior débil, [ɪ].

Quadro 1 - Realizações variáveis das consoantes /t/ e /d/ no português brasileiro

Palavra	Consoantes /t/ e /d/ realizadas como oclusivas	Consoantes /t/ e /d/ realizadas como palatais	Ambiente
Doido	doi[d]u	doi[dʒ]u	Antecedida por <i>glide</i> [y]
Oito	oi[t]u	oi[tʃ]u	Antecedida por <i>glide</i> [y]
Dia	[d]ia	[dʒ]ia	Seguida por vogal alta fonológica [i]
Tia	[t]ia	[tʃ]ia	Seguida por vogal alta fonológica [i]
Pote	po[t]i	pó[tʃ]i	Seguida por vogal fonética [i]
Pode	po/d/i	po/dʒ/i	Seguida por vogal fonética [i]
Pátio	pa[t]iu	pa[tʃ]iu	Seguida por semivogal [y]
Rádio	ra/d/io	ra/dʒ/io	Seguida por semivogal [y]

Fonte: Freitag *et al.* (2019, p. 66)

Por fim, Schwindt (2016) demonstra que vocóides anteriores altos anteriores possuem uma consonantalidade intrínseca em sua estrutura interna. Por isso mesmo, apresentam propriedades estruturais muito parecidas com as das consoantes palatais, funcionando como gatilhos naturais que tendem a modificar os sons adjacentes. Para o autor, o fenômeno ocorre porque o sistema fonológico busca otimizar o esforço articulatorio: a consoante alvo (/t, d/) acaba absorvendo a estrutura interna do gatilho (/i/) devido à grande similaridade e compatibilidade de traços que existe entre eles.

A palatalização de /t, d/ tem sido caracterizada “com um caso bastante rico e multifacetado para o estudo da variação e mudança sonora” (Cristófar-Silva *et al.*, 2012, p. 61). Desse modo, podemos citar, para esse processo, os seguintes fatos, utilizando, *ipsis litteris*, o texto de Cristófar-Silva *et al.* (2012):

a) a palatalização de oclusivas alveolares é um importante marcador dialetal e social. Falantes identificam a palatalização como característica de diferentes falares;

b) há variedades regionais no Brasil em que a palatalização já se consolidou como mudança sonora. Ou seja, as consoantes africadas são sempre seguidas de uma vogal [i]. Por outro lado, há outras variedades regionais em que a palatalização não ocorre ou apresenta baixos índices. Nessas variedades, observa-se que, em alguns casos, ocorre uma africada seguida de [i] e, em outros casos, ocorre uma oclusiva alveolar seguida de [i]. Em variedades não palatalizantes, não é esperado encontrar consoantes africadas;

c) a africada alveopalatal é um som complexo, que envolve a articulação de um silêncio característico das oclusivas seguido da fricção que caracteriza as sibilantes. Sendo a africada constituída de (oclusiva+sibilante), podemos sugerir que haja similaridade fonética entre oclusivas e africadas. Assim, africadas devem ter emergido a partir de uma oclusiva que sofreu alterações articulatórias específicas;

d) a palatalização de oclusivas alveolares interage com outros casos de variação sonora. Por exemplo, em uma palavra como at[i]mosfera a epêntese cria o contexto para que a palatalização ocorra. A interação da palatalização com outros fenômenos de variação sonora contribui para a criação de padrões sonoros inovadores que reorganizam a gramática fonológica do português brasileiro. (Cristófar-Silva *et al.*, 2012, p. 62)

Daremos foco ao último fato, (d), visto que temos observado diversas ocorrências de alteração sonora intencional no português brasileiro envolvendo a africativização e, conseqüentemente, trazendo inovações para a língua. Portanto, não estamos diretamente interessados nos condicionamentos pelo ambiente circunvizinho e na variação dialetal, já bastante abordadas em inúmeros falares brasileiros, a exemplo do extenso estudo de Abaurre e Pagotto (2002). Recorrendo ao seguinte quadro, que resume o fenômeno, procuramos abordar realizações intencionais das africadas [tʃ] e [dʒ], isto é, aquelas que ocorrem em outros contextos estruturais.

Quadro 2: Distribuição complementar de oclusivas e africadas

seguida de [i, j, ɪ]	esperada na maior parte dos dialetos
precedida de [i, j, ɪ]	muito comum em dialetos do Nordeste
no ambiente de outras vogais	não esperada

Fonte: elaboração própria

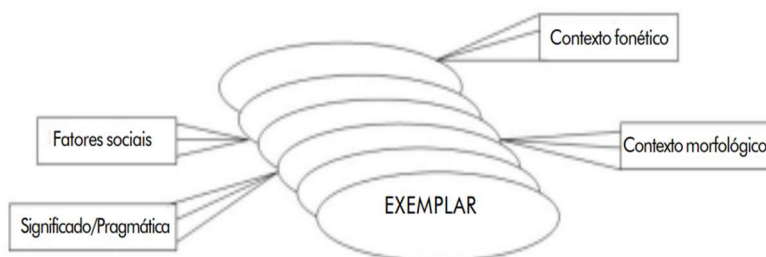
Desse modo, abordamos o fenômeno de africativização das oclusivas alveolares pensando nas motivações subjetivas dos falantes, isto é, observando os contextos “inesperados” para a realização de africadas, ou seja antes de qualquer vogal que não seja a alta anterior. Como veremos, esses usos são intencionais e refletem a habilidade do

falante para se filiar a determinado grupo ou para expressar conteúdo pragmático variado. Começamos com as criações mais antigas. Como as questões de natureza mais teórica foram apresentadas na Introdução ao livro, voltaremos a algumas relevantes à análise dos dados.

Primeira criações expressivas

Motivações subjetivas levam em consideração informações linguísticas e sociais ativadas pelo falante. Nessa perspectiva, a figura abaixo mostra a representação de exemplares e associações, na perspectiva de Johnson (1997). Observe-se que, entre as associações, encontram-se as de ordem semântico-pragmáticas e morfológicas, aspectos explorados em muitas criações bastante recentes, como mostraremos mais adiante.

Figura 1 – Representação de exemplares e associações



Fonte: Cristófar-Silva *et al.* (2012, p.68)

Tal representação apresenta-se como variável, ou seja, novas experiências podem afetar as habilidades sócio-cognitivas do falante. Cristófar-Silva *et al.* apontam que a estrutura linguística emerge da relação que interconecta os padrões de experiência, interação social e fatores cognitivos:

Podemos dizer que a representação mental organiza padrões sonoros específicos os quais denominaremos de rotinas motoras. Tais rotinas motoras são aprendidas, usadas e modificadas com o uso corrente da língua, em tempo real. (Cristófar-Silva *et al.*, 2012, p. 69)

A representação mental afetada pelas novas experiências pode ser percebida com o processo de alteração proposital de oclusivas alveolares, [t] e [d], em africadas alveopalatais, [tʃ] e [dʒ], quando usadas com finalidade de veicular um significado específico (afetividade e suavização). Segundo Toni (2020), a palatalização pode ser tomada como efeito expressivo: “carrega significados afetivos ou infantilizadores, típicos da fala dirigida à criança em algumas comunidades e do registro ‘manhês’ (motherese ou

baby talk em inglês)” (Toni, 2020, p.39)¹. Nessas e em outras situações de uso real da língua, a africativização “não apresenta os contextos fonológicos, fonéticos ou morfológicos que em geral condicionam sua aplicação, atuando como um alofone em variação livre” (Toni, 2020, p. 39-40).

Ao que tudo indica, as primeiras realizações de [tʃ] fora do ambiente de [i] sugerem forte identificação regional. Tal é o caso de ‘tchê’, marca dialetal típica de sulistas, e ‘tchurma’, primeiramente usada no Rio Grande do Sul. Nesse estado, o som africado [tʃ] possui dupla natureza. De um lado, é um empréstimo geo-histórico consolidado (o caso de ‘tchê’ via contato com o espanhol platino); de outro, funciona como marca fonológica expressiva disponível no inventário do falante, permitindo a criação de variantes dialetais afetivas de indexalização etária (o caso de ‘tchurma’). Na famosa canção *Deu pra ti*, de 1981, os irmãos gaúchos Kleiton e Kledir exploram vários gauchismos. Na estrofe a seguir, aparece o termo. A grafia oficial e a pronúncia utilizam o <tch> (representação mais comum da africana surda), consolidando essa forma como um dos maiores símbolos da identidade urbana de Porto Alegre.

Alô tchurma do Bonfim
As guria tão tri afim
Garopaba ou Bar João
Beladona e chimarrão

No modelo de Bybee (2010), a gramática é uma rede de representações mentais baseada na experiência do falante. Dessa maneira, cada vez que ouvimos ou produzimos um enunciado, este é armazenado na memória como um exemplar que contém dados fonéticos, semânticos e socioidentitários (gênero, idade, grupo social). A identidade do falante emerge da força de ativação desses exemplares. Se um indivíduo interage frequentemente com uma comunidade específica, essas variantes linguísticas acumulam alta frequência de uso, fortalecendo conexões cognitivas locais. A identidade, para Bybee, constitui reflexo da fração de experiência social gravada na cognição do falante através da repetição.

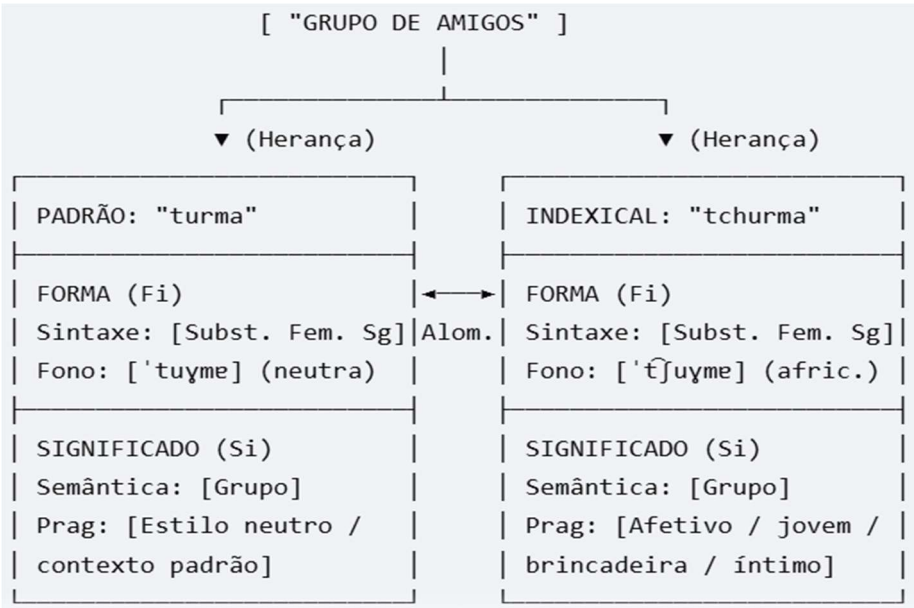
Antes de uma nova construção se espalhar por toda a língua, pode surgir em microcontextos interacionais. Grupos sociais específicos adotam certas construções e associam o uso a uma persona ou a um grupo, o que Traugott e Trousdale (2013)

¹ É um fenômeno muito natural em diversas línguas, mas, em português, conforme os resultados de Vialli (2008, 2014), esse fenômeno é raro ou inexistente no baby-talk.

denominam de indexicalidade de primeira ordem. A identidade atua como o motor do alinhamento e da subjetivização. Para os autores, o falante gerencia traços identitários ao escolher se adota ou rejeita uma mudança construcional. Desse modo, a difusão da nova construção, ‘tchurma’, fez com que os falantes se identificarem com o grupo inovador, replicando esse uso em suas falas/escritas, ao fixar novo nó na rede construcional.

De fato, ‘tchurma’ perde o ar de regionalismo e é assim descrita no Dicionário Informal: “Gíria. Variação fonética e bem-humorada do termo “turma”, utilizada para designar um grupo de amigos, uma galera ou uma comunidade de seguidores”. Pelo verbete, nota-se que a nova forma ainda remete à ideia de grupo, mas passa a ser empregada em referência a uma comunidade que partilha dos mesmos gostos/convicções. Do ponto de vista representacional, temos o seguinte:

Figura 2 – rede construcional de “grupo de amigos”



Fonte: elaboração própria

No polo da forma (Fi), a distinção se dá na instrução articulatória da consoante inicial. Enquanto ‘turma’ aciona a oclusiva alveolar surda, [t], padrão antes de vogal posterior, ‘tchurma’ ativa um processo de africativização expressiva intencional, gerando a africada palatoalveolar [tʃ]. No polo do significado (Si), ‘turma’ exterioriza valor sociopragmático neutro ou não marcado. Por outro lado, ‘tchurma’ veicula significado procedimental/indexical: o som modificado evoca forte proximidade afetiva, informalidade, pertencimento a um grupo social/geracional específico.

Outra forma expressiva é ‘tcha-tcha-tchá’, ritmo musical e dança com origem em Cuba. De acordo com a Wikipedia,

Desde sua concepção, [...] tem um simbólico relacionamento com os passos de dança, criados para o ritmo. O nome é onomatopaico, derivado do som ritmado do güiro (reco-reco) e dos pés dos dançarinos ao arrastá-los no chão. O estilo se tornou independente, com características próprias de música e dança.

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/cha-cha-chá>)

Pela citação, observa-se que o nome é um empréstimo linguístico de uma onomatopeia, pois tenta reproduzir o barulho dos pés dos dançarinos. No Brasil, africanizamos a fricativa palato-alveolar, [ʃ], de modo a proporcionar maior expressividade para nomear o ritmo musical, como sugerem os estudos de Toni (2020) sobre o processo intencional aqui abordado. A clássica música infantil *Dona Baratinha* foi popularizada por diversos grupos infantis, como Patati Patatá, e conta a história de uma barata que tem dinheiro na caixinha, quer se casar e adora dançar o ritmo:

“Quem quer casar com a Dona Baratinha?
Que é bonitinha e tá doidinha pra casar.
Também tem dinheiro na caixinha,
e gosta muito de dançar o tcha-tcha-tchá.
O tcha-tcha-tchá, tcha-tcha-tchá”.

Também de origem onomatopaica são as formas ‘tchan-tchan-tchan-tchan’ e ‘tcharam’. Segundo Brandão (2013), a primeira nasceu como vocalização popular da famosa abertura da 5ª Sinfonia de Beethoven (1808). Segundo ele, “aquelas quatro notas dramáticas iniciais (*tã-tã-tã-tããã*) foram adaptadas pelas radionovelas e pelo cinema como efeito sonoro padrão para anunciar mistérios ou perigos eminentes”. No Brasil, a imitação instrumental rapidamente viralizou como expressão para indicar algo inusitado.

A palavra ‘tcharam’ constitui imitação fonética de uma orquestra de circo. Surgiu como uma onomatopeia para reproduzir o som dos pratos e trompetes (“tchá-rán!”) tocados exatamente no momento de uma grande revelação, acrobacia ou truque de mágica. Logo se popularizou no Brasil, sendo amplamente usada como prefácio de um fato narrado tido como efeito-surpresa.

Lakoff e Johnson (1980) defendem que conceitos abstratos surgem de experiências sensorio-motoras diretas. A onomatopeia é a extensão direta dessa cognição corporificada: o mapeamento acústico de um estímulo do ambiente integrado ao aparelho fonador. Dessa forma, a Linguística Cognitiva interpreta a onomatopeia não como convenção fria, mas como resposta biológico-perceptual.

Ainda na esfera musical, outra palavra foi amplamente ouvida na voz da cantora Neusinha Brizola, filha do gaúcho e ex-governador do RJ, Leonel Brizola: ‘mintchura’ (1983). Embora um pouco diferente da anterior, por envolver a substituição de vogais, foi uma gíria típica da juventude de classe média alta do Rio de Janeiro daquela época, usada ridicularizar pessoas que tentavam se passar por ricas ou mais favorecidas. No ambiente de [u], a realização africada acaba se tornando mais marcada, revelando deboche e identificação regional e etária. O *hit* repetia a palavra em um refrão cantado várias vezes:

Mintchura, mintchura
Mintchura, mintchura
Mintchura, mintchura
Mintchura, mintchura

Novamente aqui, o uso num ambiente fônico imprevisível (antes da vogal [u]) adquire indexicalidade, que ocorre por meio do alinhamento interacional (Traugott; Trousdale, 2013). Assim, ao adotar a construção criada por um par, o usuário da língua sinaliza identificação com o grupo local. À medida que mais membros adotam o pareamento, a construção se propaga e se convencionaliza. Na esfera da expressividade, como mostram Gonçalves e Silva (2026), formas linguísticas acabam tornando-se rapidamente obsoletas, como foi o caso de ‘mintchura’, palavra não encontrada nas mídias sociais mais usadas na atualidade (*Instagram, TikTok, Facebook e X*).

Outra canção que usa expressivamente as africadas alveopalatais é *Pelados em Santos*, muito cantada no início dos anos 1990. Nessa música, há vários usos intencionais de africadas, sendo dois extremamente emblemáticos: ‘pitchula’ e ‘doidjão’. Embora a segunda palavra apresente um [j] precedendo o /d/, esse gatilho teria de ser subsequente para provocar a palatalização natural no dialeto dos integrantes do grupo Mamonas Assassinas (região metropolitana da Grande São Paulo). Todas as demais são igualmente intencionais e não apresentam gatilho para o processo: ‘Santos’ ([‘sẽ.ʈʃjũ]), ‘pelados’ ([pe.‘la.ɖʒjũ]) e ‘linda’ ([‘lĩ.ɖʒjẽ]).

Concentro-nos na forma ‘pitchula’. Em princípio, poderíamos pensar numa sufixação, mas essa hipótese é logo descartada, uma vez que todos os diminutivos terminados em *-ulo* são proparoxítonos eruditos (‘glóbulo’, ‘óvulo’), o que os difere dessa formação não apenas no acento, mas, também, na ausência de expressividade. Além disso, qual seria a base? Poderia ser africativização de ‘pitula’? Ao que tudo indica, a resposta é negativa, pois essa forma não existe em nenhum dicionário do português, nem mesmo

nos informais e colaborativos². Desse modo, ‘pitchula’, como um todo, apresenta algumas características de formações *ex-nihilo*, embora a presença da africada não seja totalmente imotivada. Há dois usos mais antigos.

O famoso minirrefrigerante chamado de ‘pitchula’ foi o primeiro no Brasil voltado para o público infantil na embalagem *pet* de 250ml. Como uma estratégia de *marketing*, a palato-alveolar presente nesse onônimo busca aproximação com o público infantil, sendo uma forma mais lúdica de se referir à bebida em questão, que, ao contrário das demais, tem o diferencial de contar vitaminas. Vinha com bico dosador e tinha formato anatômico, sendo leve e segura para as crianças. A marca foi criada no início dos anos 1990.

O sucesso e a distribuição do refrigerante ganharam tanta força nacional que, em 1995, os Mamonas Assassinas usaram a palavra em sua música mais famosa. Em *Pelados em Santos*, ‘pitchula’ ganha o significado de “namorada”, “amor”, “pessoa de quem se gosta”, como se vê na estrofe a seguir:

Pois você, minha pitchula
Me deixou legalzão
Não me sinto sozinho
Você é meu chuchuzinho
Music is very good!

O sucesso do *hit* foi tanto que acabou culminando na abonação, por exemplo, pelo dicionário Michaelis. O Dicionário informal [2026] também faz referência ao refrigerante, descrevendo esta como a segunda acepção do termo, certamente por ser menos conhecida:

Figura 2 – acepção de ‘pitchula’

pitchula
pit·chu·la
sf 1 Termo afetivo ou apelido carinhoso direcionado a uma mulher, namorada ou criança considerada fofa e pequena. 2 *Por extensão (Metonímia)*: Designação genérica para qualquer refrigerante comercializado em garrafas PET minúsculas (geralmente de 250 ml), independentemente da marca do fabricante.

Fonte: Dicionário informal –

² No mirandês, segunda língua oficial de Portugal, falada na terra de Miranda, área essencialmente camponesa, existe a palavra ‘pitula’. Sua acepção primária é a de “rebento de planta”, mas, por extensão também se refere a “alguém muito jovem”, preservando a semântica de diminutivo (Portal, 2026). É bastante improvável que essa seja a fonte para ‘pitchula’, uma vez que não é usada nem mesmo em outras regiões de Portugal.

Ainda na esfera comercial, o nome ‘pichulinha’ foi utilizado em uma propaganda de sabonete para referir-se aos cuidados íntimos das mulheres. A IsPartner, agência exclusiva de licenciamento da marca Mamonas Assassinas, anunciou o novo sabonete íntimo, produto inspirado na música icônica da banda, sendo formulado para promover o cuidado e o bem-estar da região íntima das mulheres. Tem-se, aqui, um processo nitidamente metonímico.

Como vimos, a palavra ‘pitchula’ já é uma gíria que significava “aquela a quem se namora”. Quando a agência usa o diminutivo ‘pichulinha’ para a genitália feminina, está isolando uma parte íntima do corpo da mulher dando ao órgão sexual o nome modificado da parceira. A substituição de [tʃ] por [ʃ] reforça essa nova acepção tanto quanto o uso do diminutivo, que cria uma espécie de eufemismo e reduz o peso sexual do termo, transformando algo explícito em um apelido mais ameno. O conceptualizador mapeou conceitos abstratos ou tabus (a genitália), conectando-os a domínios familiares e corporificados. A metonímia permite que o falante use o “todo” (a pessoa da namorada – ‘pitchula’) para focar em uma “parte” específica dela. Isso se baseia na contiguidade (proximidade): a genitália obviamente está associada à mulher.

A Linguística Cognitiva defende que nosso raciocínio é ancorado nas nossas experiências sensório-motoras. O corpo (e suas partes) funciona como um mapa para compreender o mundo e o modo como nos relacionamos. Gírias e expressões populares frequentemente operam sob um compromisso cultural (frequentemente sexista ou antropocêntrico) em que a mulher é metonimicamente reduzida à sua esfera sexual. Por outro lado, do ponto de vista comunicativo, o uso do diminutivo (*pichulinha*) serve como eufemismo conceptual, abrandando o tabu e peso do *designatum*, com isso servindo para o objetivo com que foi usado: a compra do produto.

As ocorrências até então identificadas estão presentes, em sua maioria, em contextos de proximidade, afeto ou são empregadas como eufemismos para suavizar conceitos-tabu. Esse mecanismo de atenuação é produtivo inclusive em outros vocábulos de cunho sexual, como se observa no uso de ‘tcheca’. Nesse nome, que originalmente designa aquela nascida na República Tcheca, a africada palatal não remete ao gentílico. Pelo contrário, faz referência mais sutil ao órgão genital feminino.

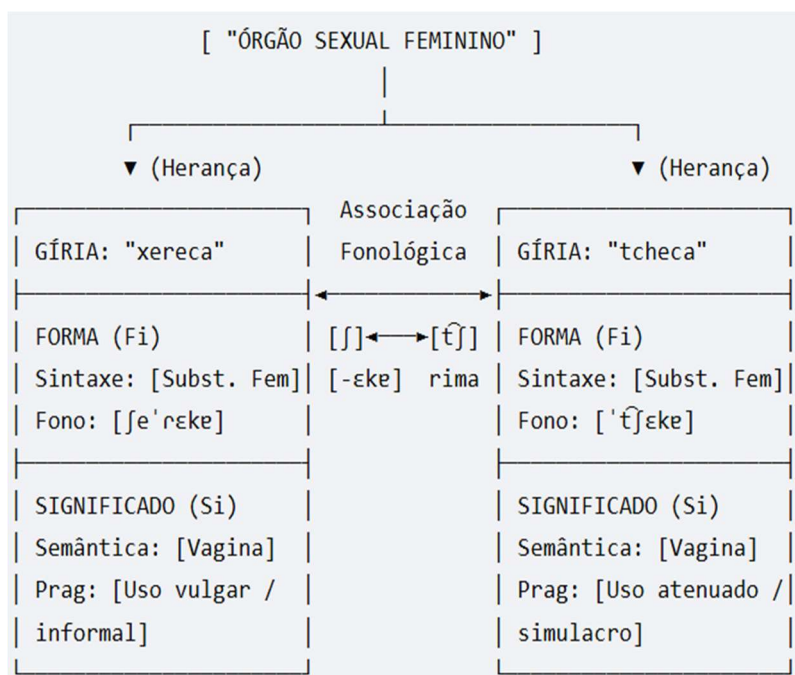
No caso de ‘tcheca’ usado em referência à genitália da mulher, não há, obviamente, relação de polissemia, pois a nacionalidade nada compartilha com o órgão sexual, exceto o fato de ambas as formas serem do mesmo gênero gramatical: feminino. A hipótese aqui aventada é a de que se trata, novamente, de um eufemismo. O modelo é,

sem dúvida alguma, ‘xereca’, muito semelhante a ‘tcheca’ do ponto de vista fonético. O dicionário Houaiss (2017) define esse item lexical como “genitália externa feminina; vulva” e, de acordo com Almeida (2020, p. 392), o étimo é ‘kileka’, africanismo bantu oriundo do quicungo. Em seu verbete, Houaiss (2017) informa, também, que essa palavra é um brasileirismo: “[...] privativa do português do Brasil” (Houaiss, 2017). Por fim, destaca que a forma é um tabuísmo, “palavra considerada chula, grosseira ou ofensiva na maioria dos contextos”.

Estando correta a análise, não há, em ‘tcheca’, uma palatalização, visto que palavra-modelo já se inicia com uma fricativa alveolopalatal, [ʃ]. No nosso entendimento, antes mesmo de aparecer na música *Débora*, também dos Mamonas Assassinas (1995), a gíria nasceu na linguagem coloquial urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo entre os anos 1970 e 1980, fato mencionado por Godoi (2018). Essa acepção de ‘tcheca’ surgiu como uma variação fonética e encurtada de ‘xereca’, facilitada pela popularização midiática do nome do novo país, a República Tcheca, na transição geopolítica da antiga Tchecoslováquia (início dos anos 1990).

Desse modo, é inegável a modificação sonora intencional decorrente da permuta do modo de articulação, de fricativa a africada. Do ponto de vista segmental, a alteração de [ʃ] para [tʃ] constitui processo de africatização, embora o gatilho seja diferente. Essa modificação sonora é altamente motivada. Como vimos, o efeito dos sons africanos no português brasileiro muitas vezes remete a uma linguagem mais neutra, servindo, nesse caso, como estratégia para disfarçar um termo chulo, aproximando-o de outro que não constitui tabuísmo. As duas formas apresentam a mesma rima, [ʔ.kɐ], o que facilita ainda mais a correlação, como se vê no esquema a seguir:

Figura 3 – rede construcional para “órgão genital feminino”



Fonte: elaboração própria

Nos modelos baseados no uso, temos, no caso de ‘tcheca’, uma analogização (Bybee, 2010). A analogia é definida pela autora como o processo pelo qual um falante passa a usar um item novo em uma construção e explora a natureza do processamento analógico, estendendo a semântica de unidades específicas de construções de variados tamanhos. Trata-se, portanto, da produção de enunciados com base em outros já existentes, que servem de modelo para os mais novos. Bybee (2010) afirma, ainda, que a maioria das formações analógicas é baseada em semelhança semântica ou fonológica com formas existentes. Assim, muitos enunciados não são completamente novos, uma vez que contam com unidades já existentes para sua formação.

A analogização, segundo Martins Dall’Orto (2018, p. 38),

(...) refere-se ao mecanismo que leva à combinação entre aspectos da forma e da função de uma construção-alvo e aspectos da forma e da função de uma construção-fonte. O mecanismo da analogização envolve, portanto, a reconfiguração das dimensões internas da construção, tendo como base uma construção já existente, com a qual seja possível fazer a correspondência.

O mecanismo cognitivo de analogização se dá, portanto, quando “um exemplar origina um novo *type* por meio de uma relação horizontal ou, ainda, a produtividade de um esquema recruta novos elementos para seus *slots*” (Oliveira; Lopes, 2019, p. 24). A modificação sonora, no caso em tela, atua selecionando uma palavra existente que

preserva o ponto de articulação e a estrutura silábica da palavra-tabu, mas altera o modo de articulação (de fricativo para africado) do segmento inicial, o que é suficiente para driblar a censura social (até mesmo os algoritmos das redes sociais) e suavizar a referência à genitália da mulher, desvulgarizando, assim, a palavra-gatilho, que, como outras, igualmente tabus, inicia-se com [ʃ], como bem identifica Almeida (2020). A referência ao órgão sexual feminino por ‘tcheca’ foi disseminada nos funks, como se observam nos seguintes nomes de músicas, sendo os três primeiros mais antigos:

- ✓ “Tcheca com Tcheca” (MC 2K): 2014
- ✓ “Dança da Tcheca” (MC Jerry): 2014
- ✓ “Catuca a Tcheca” (MC Menor da VG e MC Delano): 2015
- ✓ “Open the Tcheca” (MC Lan): 2017
- ✓ “Toma na Tcheca” (MC Don Juan): 2017
- ✓ “Aquecimento da Tcheca” (MC Troia): 2018
- ✓ “Só Cá Tcheca” (MC Dricka e MC GW): 2021
- ✓ “Tcheca RMX DJ RaMeMes” (Danny Bond): 2024

Um uso mais afetivo da africatização é ‘tchutchuca’. A palavra ganhou fama nacional no início dos anos 2000 com o clássico funk carioca do grupo Bonde do Tigrão, no qual se canta o seguinte refrão: “Vem tchutchuca linda / Senta aqui com seu pretinho / Vou te pegar no colo / E fazer muito carinho”. De acordo com o Dicionário Aulete, é empregada para descrever uma mulher jovem, bonita, atraente, meiga ou carinhosa.

Ao observar essa palavra, algumas questões imediatamente se colocam: (a) de onde vem? (b) constitui um *ex-nihilo*? (c) há alguma palavra-modelo que possa justificá-la? Embora bastante recente (início do século XXI), a etimologia de ‘tchutchuca’ é incerta, mas os dicionários oficiais apontam uma provável origem onomatopaica, ou seja, entendem que foi criada a partir da imitação de um som ou ruído. No entanto, qual seria esse ruído que essa improvável onomatopeia tentaria reproduzir? Não há evidências de reprodução imitativa, o que desabona a rubrica onomatopeia.

O Dicionário Caldas Aulete associa a origem de ‘tchutchuca’ ao personagem Tutuquinha, apelido da namorada do *Pinduca*, protagonista que dá nome às tirinhas amplamente divulgadas entre as décadas de 1940 e 1950. Apesar de bem apropriada aos objetivos deste trabalho, pois teríamos uma dupla africativização do /t/, não parece que esse nome tenha ficado guardado na memória afetiva de uma geração anterior à dos integrantes do Bonde do Tigrão, todos moradores da Cidade de Deus, cujos pais não tiveram acesso a bens culturais, como, por exemplo, a leitura de jornais, veículo em que

os quadrinhos eram publicizados. No entanto, não descartamos completamente essa linha interpretativa.

Outra hipótese seria a de um hipocorístico, ‘tuca’, cujo antropônimo de origem contenha uma oclusiva alveolar surda. Quando consultamos o termo no *Google*, só aparecem nomes masculinos, sobretudo ‘Artur’ e ‘Augusto’, o que poderia constituir empecilho a essa interpretação. Por outro lado, ‘tuca’ é um apelido muito comum no Brasil. Segundo Castro (2005), termos curtos como esse operam no limite entre a antroponímia clássica e as manifestações linguísticas locais, nas quais os apelidos substituem oficialmente os nomes de registro nas dinâmicas cotidianas. Tanto é que ‘tuca’ não constitui propriamente um hipocorístico, pois pode não guardar qualquer relação fonológica com o antropônimo. No anexo da dissertação, Castro (2005) elenca as seguintes possibilidades: “[...] Tuca (Silvério R Santiago), Tuca (Isa B Santos), Tuca (Mariles Costa), Tuca (Maria G G M Oliveira), Tuca (Ricardo N Silva), Tucano (Heitor Z Oliveira) [...]” (Castro, 2005, p. 144).

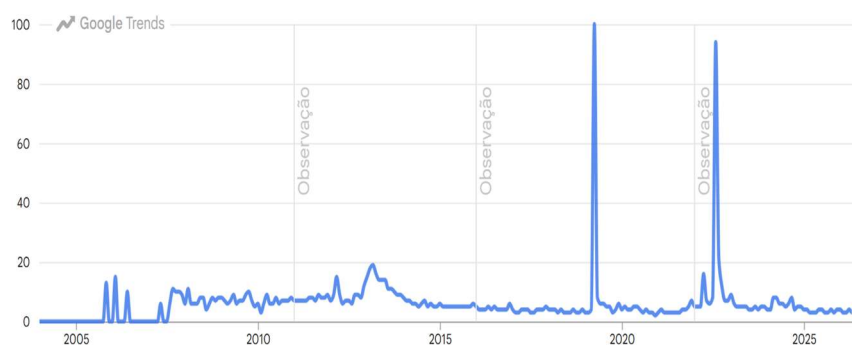
Seide e Petrulionè (2020) apontam que as consoantes /t/ e /k/ estão entre as primeiras que as crianças conseguem articular de forma clara durante o desenvolvimento motor oral. Daí decorre “a facilidade em fixar a estrutura silábica consoante oclusiva-vogal, espalhando-se espontaneamente na infância, mesmo para crianças que foram batizadas com nomes sem nenhum desses segmentos” (Seide e Petrulionè, 2020, 17). Irmãos mais velhos ou a própria criança, ao tentarem se comunicar antes de dominar completamente os padrões sonoros de sua língua, produzem formas que os familiares fixam como o apelido oficial da casa. Talvez seja esse o caso de ‘Tuca’, aqui considerado apelido.

Castro (2005) mostra que certos apelidos funcionam como abreviações afetivas que o falante nativo utiliza para criar o que chama “nomes lúdicos”. Admitindo que ‘Tuca’ seja um nome lúdico, essa seria a base para a reduplicação de um molde prefixal CV (Vialli, 2008), criando ‘Tutuca’, ainda mais expressivo que ‘Tuca’, por conta da existência de duas sílabas adjacentes idênticas. Sobre essa forma, aplica-se a africativização intencional, levando ao nome ‘tchutchuca’, usado até os dias de hoje³, como se vê na imagem a seguir, do *Google Trends*⁴:

³ “Tratamento carinhoso que se dirige a uma mulher jovem e atraente; amorzinho” (Dicionário Houaiss); “Gíria. Moça ou mulher bonita, de corpo bem-feito, meiga e carinhosa” (Caldas Aulete).

⁴ Ferramenta gratuita que permite acompanhar o volume de buscas por termos e assuntos no Google e no YouTube ao longo do tempo (de 2004 aos dias de hoje). Funciona como uma espécie de termômetro do

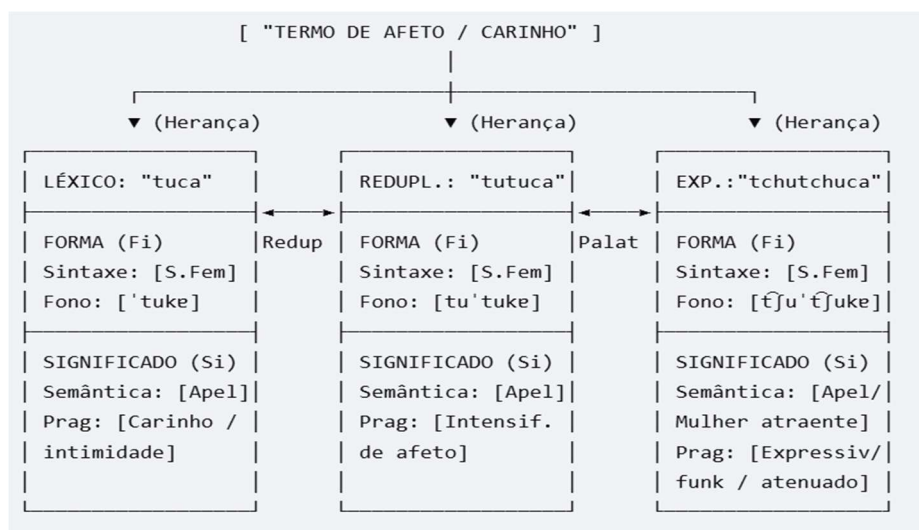
Figura 4 – gráfico de frequência de ‘tchutchuca’



Fonte: Google Trends

No esquema a seguir, representamos o link de reduplicação (tuca $\Leftrightarrow$ tutuca), no qual a rede realiza um processo morfológico icônico muito comum em hipocorísticos (‘Fafá’, ‘Cacá’, ‘Bebeto’), dobrando a primeira sílaba para intensificar a sensação de afeto e proximidade infantil. No *link* de palatalização expressiva (tutuca $\Leftrightarrow$ tchutchuca), a transição de ‘tutuca’ para ‘tchutchuca’ ocorre pela substituição da oclusiva alveolar [t] pela africada palatoalveolar [tʃ]. Na GCBU, essa modificação fonética funciona como uma espécie de morfologia não concatenativa que amplia a carga afetiva e, no contexto da cultura pop brasileira (como no funk), adicionou uma nova camada semântica de atração física, mantendo o tom informal e atenuado.

Figura 5 – Rede construcional de ‘tchutchuca’

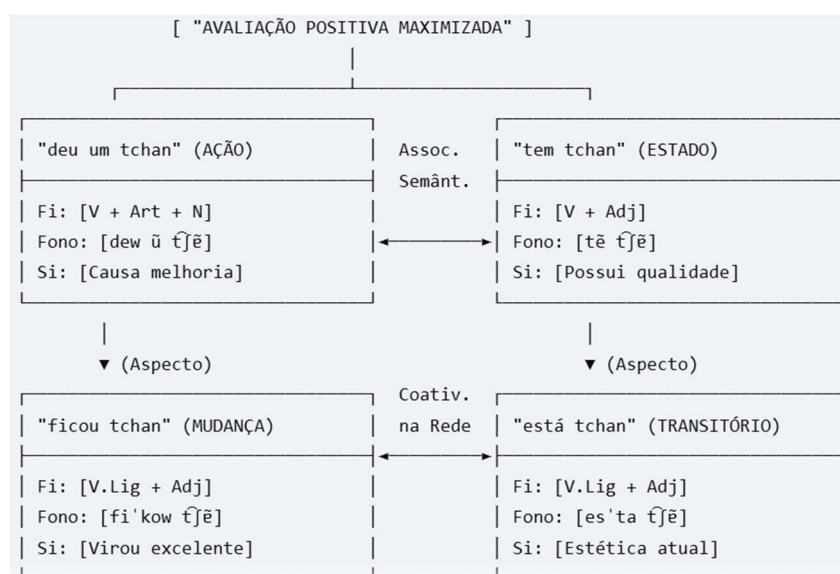


Fonte: elaboração própria.

que se está pesquisando e ajuda a identificar tendências, picos de interesse e sazonalidade. Para os lexicólogos, mede a frequência com que itens lexicais aparecem.

Para finalizar a seção, resta falar de um outro nome expressivo criado com uma aficada fora de seu escopo natural (o ambiente de [i]): ‘tchan’. Inicialmente nome de uma banca que marcou gerações no último quartel do século passado, o grupo *É o tchan*, a palavra começou a ser usada com sentido positivo e de “algo a mais” a partir de 1995, certamente impulsionada pelo sucesso da música *Segura o Tchan*. Originalmente usada como onomatopeia rítmica pelos fundadores do grupo, como revela em entrevista o líder, Compadre Washington, (<https://www.facebook.com/watch/?v=637324000078611>), a gíria rapidamente se espalhou pelo Brasil para definir tudo que é bom, atraente ou que dá um “toque especial”, como se vê no esquema a seguir:

Figura 6 – Rede construcional de ‘tchan’



Fonte: elaboração própria.

Na sintaxe, ‘tchan’ nasce como substantivo. Contudo, nas construções de nível mais baixo, ‘deu um tchan’ e ‘está tchan’, o item sofre um processo de recategorização construcional induzida pelo contexto, passando a ocupar o *slot* de um adjetivo predicativo (‘essa decoração ficou tchan’/‘sua roupa está tchan’). Os *links* verticais de herança e mudança aspectual demonstram como o falante mapeia o tempo e a permanência do elogio: ‘tem tchan’ indica uma qualidade intrínseca e durável do objeto ou sujeito, enquanto ‘está tchan’ sinaliza um estado circunstancial ou momentâneo (por exemplo, uma produção caprichada para determinado evento).

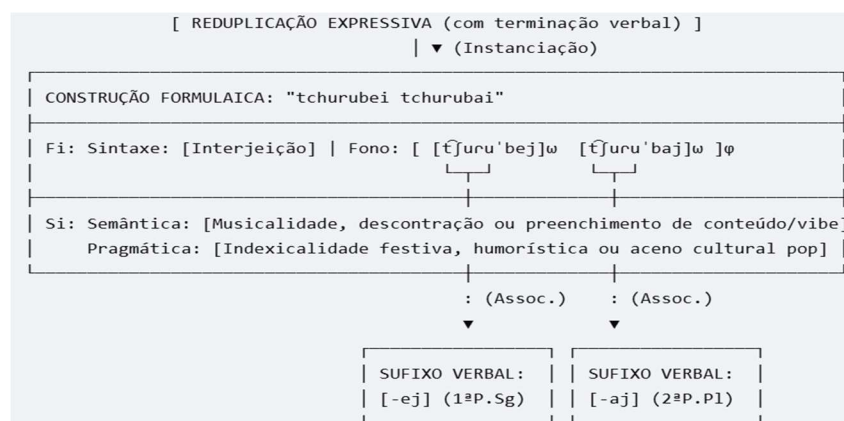
Criações expressivas mais recentes

Ao lado das expressões descritas na seção precedente, surgiram recentemente outras, uma delas por uma participante do reality show *Big Brother Brasil 21* (BBB 21), Juliette Freire Feitosa: ‘tchurubei tchurubai’. A participante e vencedora do programa utilizava a expressão que logo viralizou nas redes sociais. Os internautas⁵ passaram a adotá-la para se referir à admiração pela agora apresentadora do Saia Justa até mesmo em tatuagens.

A expressão, com um [tʃ] iniciando as duas palavras, ganhou força nas redes sociais durante a edição do *reality show* e logo se transformou em gíria de bom humor entre os fãs de entretenimento. A expressão estourou no *Instagram* e *TikTok*, embalada por vídeos de piseiro (ritmo musical recente) e dancinhas. A música *É pau-tchurubei tchurubai*, de Isaac Roosevelt, virou trilha sonora de milhares de memes, servindo como fundo musical para situações engraçadas, comemorações ou vídeos de humor.

Impossível não perceber o caráter expressivo desse termo que constitui, de fato, uma criação feita por alguém por quem a maioria dos brasileiros se identificou. A expressividade é garantida pelos dois [tʃ]s iniciais da expressão. Segundo a própria Juliette, nasceu de uma brincadeira de infância entre elas e suas amigas de Campina Grande (PB). Conforme revelado no documentário sobre a vida da artista (*Você nunca esteve sozinha*, 2021)⁶, o pai de uma dessas amigas era alemão e, como as meninas não conseguiam entender nada do ele dizia, começaram a imitá-lo de forma cômica inventando expressões como essa. Na representação a seguir, em que ω representa palavra prosódica e φ sinaliza o domínio da frase fonológica, temos o esquema correspondente:

Figura 7 – Criação de ‘tchurubei tchurubai’



⁵ Os fãs veem Juliette como um símbolo de resiliência, autenticidade e empatia. Autodenominados “Cactos”, por conta da origem da participante e de seus amor pelo Nordeste, eles construíram uma relação de proximidade horizontal e rede de apoio que a enxerga não apenas como ídolo, mas como uma igual. Os fãs se conectaram ao verem sua postura acolhedora e humana diante da exclusão sofrida no reality.

⁶ <https://globoplay.globo.com/voce-nunca-esteve-sozinha-o-doc-de-juliette/t/YBjy6XBbV/>.

Fonte: elaboração própria.

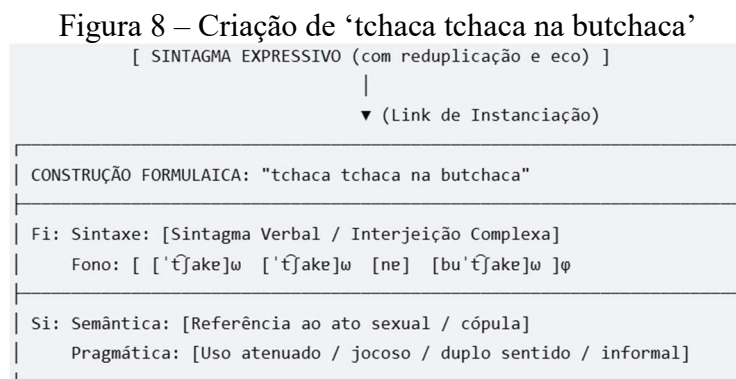
Uma expressão popular brasileira que ganhou enorme força na internet como meme com forte conotação sexual foi ‘tchaca tchaca na butchaca’. A expressão ganhou projeção nacional na música sertaneja, com a canção homônima gravada pela dupla Cezar e Paulinho. Anos após o lançamento da canção (2000), a expressão virou tendência na internet ao ser resgatada por bandas de forró eletrônico e já pisadinha (como as regravações do Bonde do Forró e artistas do já aludido piseiro). O refrão da letra é o seguinte:

Gosto do som, de viola e violão
Gasto a bota no salão se tiver arrasta pé
Não sou malandro mas também não sou babaca
Tchaca tchaca na butchaca é isso que a gente quer
Não sou malandro mas também não sou babaca
Tchaca tchaca na butchaca é isso que a gente quer

A origem da expressão não parece onomatopaica, remetendo ao ruído do ato sexual. Isso porque apresenta uma rima constante, *-aca*, e as palavras lembram outras que não apresentam a africada surda que se repete. ‘Tchaca’ parece afrivivização do /t/ inicial de ‘taca’, flexão verbal de ‘tacar’, com acepções “atirar”, “arremessar” e “jogar”. Por sua vez, ‘butchaca’ tem a mesma sílaba fonética de um palavrão relacionado ao órgão genital feminino. A substituição do pé nuclear (*-ceta*) por *-tchaca* certamente é intencional: cria uma rima com a repetição da forma verbal flexionada, conseguindo, ainda, alguma fidelidade ao termo chulo, com três sílabas CV, uma fricativa no *onset* da penúltima e uma terminação muito semelhante à da palavra-tabu. Se essa interpretação estiver correta, tem-se, com o processo fonológico aqui analisado, novamente um eufemismo, pois a expressão original seria extremamente vulgar.

Na Linguística Cognitiva (LC), os eufemismos funcionam como ferramentas de remapeamento dentro da teoria da Teoria da Metáfora Conceitual (Lakoff; Johnson, 1980). Servem para suavizar ou camuflar realidades desconfortáveis, dolorosas ou socialmente proibidas. A metáfora do contêiner pode explicar a expressão. A palavra modificada, ‘butchaca’, evoca o conceito cognitivo de recipiente ou encaixe (além de rimar foneticamente com termos do tabuísmo linguístico anatômico). Na LC, o usuário da língua processa relações sexuais através do mapeamento de um objeto entrando ou interagindo com um espaço delimitado. Desse modo, ao transitar do tabu explícito (tacar/jogar/colocar/penetrar) para o domínio do inusitado fonético, a expressão ativa o

frame de humor e descontração. É por essa razão que o termo é frequentemente absorvido pela cultura de massa, figurando em músicas de duplo sentido, pois consegue comunicar a intenção sexual de forma acessível e socialmente aceitável, como se vê no esquema a seguir:



Fonte: elaboração própria

Outra ocorrência com palatalização é o uso de ‘tchop’ em vez de ‘top’, em que a modificação sonora foi utilizada para intensificar ainda mais a ideia de algo bom/de boa qualidade. Tal forma também viralizou a partir da ganhadora do BBB 21, Juliette, e, segundo os internautas, algo ‘tchop’ é muito mais legal do que algo ‘top’. Desse modo, a africativização parece funcionar como um traço sonoro de natureza não concatenativa, tornando a palavra com [tʃ] bem mais intensiva que a com [t].

O uso da [tʃ], assim como o de [dʒ], também foi identificado com a finalidade de expressar uma ideia de suavização ou apreciação, como atestam dados como ‘doidja’ e ‘lindja’. É necessário, nesse ponto, refletir sobre a fronteira entre a mera representação fonética de uma variante regional e a consolidação de uma inovação. O caso de ‘doidja’, por exemplo, ilustra como um traço fonético marcadamente regional (do Nordeste brasileiro) extrapolou a sua comunidade de fala e viralizou em nível nacional a partir da fala da participante Juliette, do aludido BBB21. Nessa dinâmica, a difusão da forma não ocorreu inicialmente por uma alta frequência de uso (*token frequency*) na língua geral, mas pela forte influência e pelo capital social associados a essa figura pública. Ao adotarem intencionalmente a variante ‘doidja’, falantes de outras regiões desvinculam os termos de sua marcação diatópica original, construcionalizando-os como inovações expressivas que indexam afeto, humor e ludicidade, independentemente de sua origem geográfica.

Cabe ressaltar, contudo, que os usos intencionais de [dʒ] se mostraram significativamente menos frequentes que os de [tʃ]. Essa constatação deu-se por meio de

buscas ativas e testagens empíricas nas ferramentas de pesquisa (lupas de busca) das próprias redes sociais analisadas, nas quais o rastreamento das ocorrências revelou uma produtividade muito inferior da africada vozeada em contextos de expressividade.

Para além dos empregos já abordados, também percebemos a africativização sendo usada na formação de hipocorísticos, em que a realização fonética tem função proximal: o hipocorístico é usado geralmente em contextos familiares e se distingue do apelido por ter sua origem em outro nome próprio (Amaral, 2011).

Fernando > Nando > Nandjo
Reinaldo > Naldo > Naldjo
Marcelo > Celo > Tchelo
Alberto > Beto > Betcho

O que se percebe em hipocorísticos como os listados em (xx) é o propósito de marcar proximidade e afetividade ao se referir a alguém e, portanto, novamente o africativização aparece com efeito expressivo muito ligado à intenção do falante.

Por fim, registram-se mais alguns casos de africadas em onomatopeias menos usuais que as já apresentadas, como ‘tchun’ (som de uma queda), e interjeições, como ‘tchau’. Algumas onomatopeias são menos relevantes justamente porque a africada é adjacente a uma vogal alta anterior, a exemplo de ‘atchim’ (espirro), ‘tititi’ (falatório) e ‘tchibum’ (mergulho).

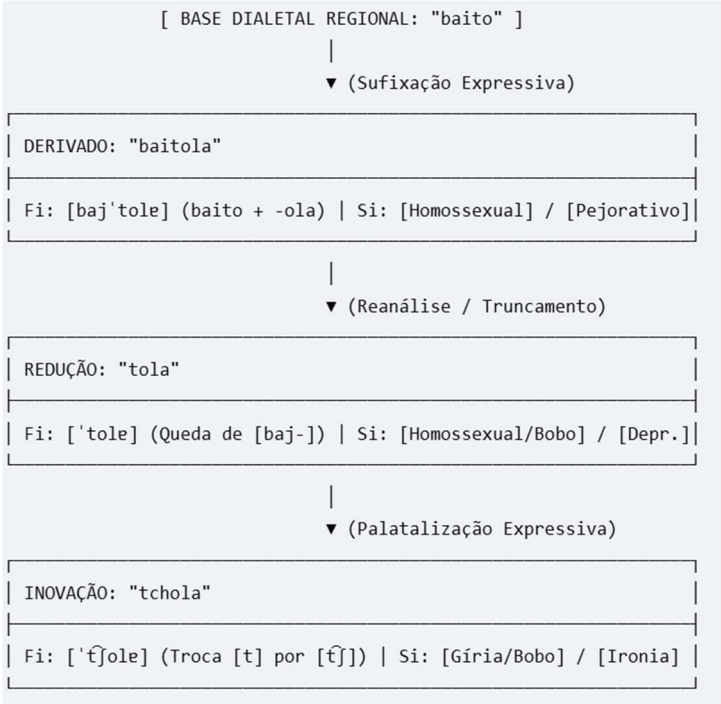
Para finalizar a seção, resta, apenas, abordar a forma ‘tchola’. De acordo com Silva (2024, p. 1), “é uma gíria popular na internet que significa uma pessoa boba, fraca ou que chora por coisas fáceis”. Também é usada como um xingamento leve ou brincadeira entre amigos para dizer que alguém é inocente demais ou muito sensível.

Desse modo, ‘tchola’ vem a ser produto de um processo de africativização da consoante inicial de ‘tola’, certamente usada para atenuar a ignorância ou a sensibilidade de alguém. É muito usada em vídeos, redes sociais e memes para brincar com reações exageradas ou emotivas.

Há, no entanto, outra acepção de ‘tchola’, que pode ser usada para se referir a homens gays, sendo uma gíria extremamente pejorativa e homofóbica. Sua origem e uso regional em vários estados do Brasil (especialmente no Nordeste) está relacionada ao “baitola”, termo usado como xingamento de homens homossexuais considerados afeminados. Na maior parte dos contextos sociais, a palavra é empregada com o objetivo

de discriminar, ridicularizar ou diminuir a masculinidade de alguém com base em sua orientação sexual real ou presumida.

Em <https://www.instagram.com/reels/DPbfAMmDgA>, há um vídeo que explica a origem desse termo. O entrevistado, citando o professor Josiniel Alcântara (UFC), mostra que a palavra deriva de ‘baito’, termo de origem tupi-guarani (região do Ceará) que designava uma cabana ou alojamento específico em que rapazes indígenas passavam por rituais de iniciação sexual e cultural. Logo o sufixo *-ola* foi acrescentado a essa base, culminando na forma ‘baitola’ referenciando, preconceituosamente, um gay caricaturado, bem diferente do que ocorria nos chamados baitos, em que a inicial dos jovens era com homens e não tinha qualquer valor pejorativo. Seguindo essa linha interpretativa, logo ocorreu a africativização do /t/, seguida do encurtamento. A representação a seguir resume a trajetória dessa palavra:



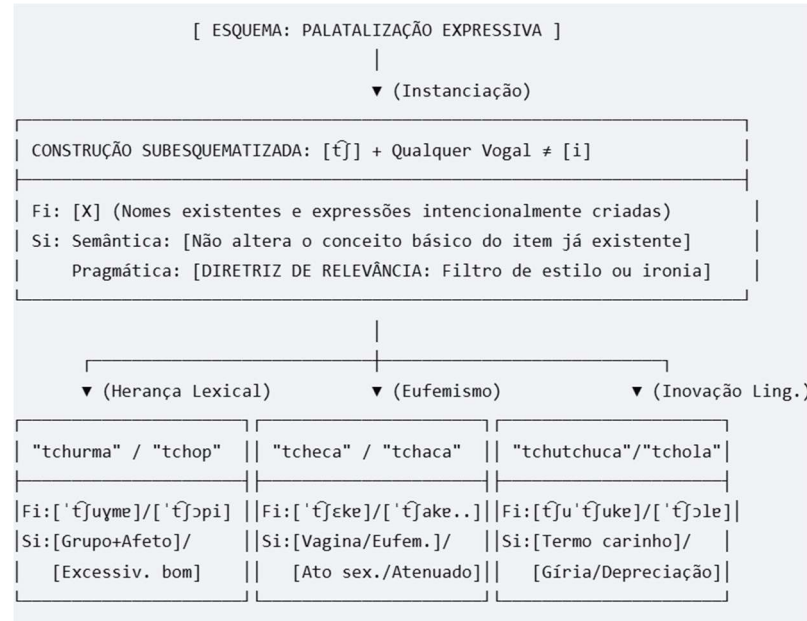
Considerações finais

Para mapear a incorporação da fonologia à Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), um dos artigos recentes e de maior impacto teórico é o de Schaeffer (2025). O estudo aborda diretamente o fato de a fonologia ter sido tratada historicamente como uma espécie de “caixa preta” dentro dos modelos construcionistas. A pesquisa propõe abrir essa caixa ao responder se os sons da fala podem ser categorizados como construções autênticas. O artigo demonstra que muitos segmentos funcionam como

pareamentos legítimos de forma e função, e que a sensibilidade dos usuários da língua em relação ao significado é muito menos esporádica ou aleatória do que as teorias linguísticas anteriores assumiam. Tal é o caso do fenômeno analisado neste capítulo: a africativização. Nossa pesquisa procurou demonstrar que a alofonia [t] → [t̪] vai além do contexto de [i], funcionando como força-motriz para legítimos pareamentos de forma e função.

Nossa pesquisa focou na necessidade de distinguir “função linguística” de “significado expressivo”, comprovando que as variações fonológicas analisadas carregam significados sociais profundos, atuando como partes relevantes do *constructicon*. A africativização intencional dialoga perfeitamente com o modelo de aspectos da fonologia como construções, como o de Ungerer e Hartmann (2023), pois fornece evidência empírica de que os falantes manipulam a substância fonética para gerar funções pragmático-sociais específicas. Na representação a seguir, reunimos as principais questões abordadas ao longo do texto:

Figura – a



Essa representação formaliza a arquitetura cognitiva de um fenômeno linguístico sob a perspectiva unificada da GCBU (Santos; Hoffmann, 2024) e da Teoria da Relevância (Leclercq, 2023). Demonstra como uma alteração puramente alofônica altera a interpretação social e pragmática do enunciado. O topo do diagrama mapeia o esquema [PALATALIZAÇÃO EXPRESSIVA], generalizando o fato de que falantes vinculam o som da africada palatoalveolar [t̪] à qualquer vogal que não seja [i] (Vogal ≠ [i]). Excluir

o [i] serve para separar a fonologia expressiva/intencional da fonologia automática/regional do português do Brasil. A caixa intermediária funciona como o centro de comando que injeta as regras do polo da forma (Fi) e do polo do significado (Si). Fi tem sintaxe flexível, pois a instrução [X] indica que o esquema é produtivo e se aplica tanto a palavras que já existem no léxico comum ('turma') quanto a gírias e expressões inventadas sob demanda.

O polo semântico representa que o conceito básico do item original não é destruído ('tchop' continua sendo 'top'). No entanto, a pragmática atua como uma instrução de processamento para o interlocutor. O som [tʃ] ativa informações como as seguintes: descarte a formalidade e processe essa fala sob o filtro de intimidade, piada, fofura ou ironia. Isso maximiza o efeito comunicativo com o menor esforço cognitivo.

Quando o usuário executa a fala/escrita real, o esquema abstrato se ramifica em instâncias concretas ancoradas por três links diferentes:

- (a) Herança Lexical (*tchurma* / *tchop*): mapeia a alteração de palavras existentes. O usuário emprega o item neutro do léxico comum e aplica a palatalização para suavizar a interação ou enfatizar um julgamento de valor positivo (*tchop* = algo excessivamente bom);
- (b) Eufemismo (*tcheca* / *tchaca tchaca na butchaca*): formaliza o uso da fonologia como uma espécie de cortina de fumaça para o tabu linguístico. O som rítmico, onomatopaico e estilizado atua camuflando referentes densos ou vulgares (órgão e ato sexual), criando um simulacro humorístico socialmente aceitável na conversa informal;
- (c) Inovação Linguística (*tchutchuca* / *tchola*): representa o enraizamento (*entrenchment*) de neologismos independentes gerados diretamente pelo potencial expressivo do som. A rede estende a forma do segmento tanto para codificar o afeto e o carinho máximos (*tchutchuca*) quanto para carregar uma carga de depreciação e deboche (*tchola*).

O diagrama comprova que a fonologia emerge e se organiza a partir do uso: mente humana armazena nós de baixo nível de forma interconectada, permitindo que o usuário da língua selecione a pronúncia/escrita exata para modular o ambiente social e guiar a mente do ouvinte em tempo real. Isso acontece, também, na transformação do sufixo *-ito* em *-ito* ('corpito', 'corpitcho'), mas constitui assunto para outro trabalho.

Referências

- ABAUURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. A palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: Gramática do português falado VII: novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 557-602.
- AGHA, A. Language and social relations. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. Alfa, São Paulo, v.55, n.1, p.62-82, 2011.
- BATTISTI, Elisa; HERMANS, Ben. Palatalização no português brasileiro e nas línguas do mundo: motivação estrutural, seleção de gatilhos e alvos. Linguística, Montevideu, v. 32, n. 1, p. 61-75, jun. 2016.
- BHAT, Darbhe Narayana Shankara. A general study of palatalization. In: GREENBERG, Joseph Harold (org.). Universals of human language: Phonology. Stanford: Stanford University Press, 1978. v. 2, p. 47-92.
- BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. Language, v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006.
- BYBEE, J. Morphology: a Study of the Relation between Meaning and Form. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- BYBEE, J. Phonology and Language Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, J. Language, usage and cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMARA JR., J. M. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASTRO, Vinícius Massad. A nomeação lúdica: um estudo enunciativo da apelação e dos apelidos de pessoa. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2005.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. *et al.* Revisitando a palatalização no português brasileiro. Revista de Estudos da Linguagem, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012.
- FERRARI, L. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.
- FREITAG, R. M. K.; SOUZA NETO, A. F. d.; CORRÊA, T. R. A. "Panorama da Palatalização em Sergipe", p. 63 -80. In: Língua e Sociedade : Diferentes Perspectivas, Fim Comum. São Paulo: Blucher, 2019.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DPeAp, 2003.
- GODOI, Elson. REPÚBLICA TCHECA... Curiosidades... Facebook, 21 out. 2018. Álbum: Europa. Disponível em: . Acesso em: 22 jul. 2026.
- GOLDBERG, A. Constructions: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. "Morfopragmática da intensificação sufixal em português". Revista de Letras 24.1-2: 43-50, 2002.

GONÇALVES, C. A. A crença nas palavras: (des)construções lexicais em antropônimos de líderes religiosos. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 48, pp. 899-918, 2019.

GONÇALVES, C. A. A função indexical das formações X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo no português do Brasil. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 47-59, 2003.

HOUAISS. Dicionário on-line. Disponível em:

<<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#0>>.

JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization: An exemplar model. In JOHNSON, KEITH; MULLENIX, J. W. (eds.). *Talker Variability in Speech Processing*. San Diego: Academic Press, p. 145-165, 1997.

LECLERCQ, Benoît. *Linguistic Knowledge and Language Use: Bridging Construction Grammar and Relevance Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

MARTINS DALL'ORTO, L. F. *Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa: uma proposta de rede construcional a partir linguística funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2018.

OLIVEIRA, A. A.; OLIVEIRA, A. J.; PAULA, A. S. Palatalização das oclusivas alveolares [t] e [d] com a semivogal [j] em contexto anterior na cidade de Maceió. *Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 60, p. 102–122, 2018.

OLIVEIRA, M. R. de. “Gramaticalização De construções Como Tendência Atual Dos Estudos Funcionalistas”. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978) 42, no. 1: pp. 148–162, 2013.

OLIVEIRA, M. R. de; LOPES, M. G. Desafios teóricos e empíricos na Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista Odisseia*, v. 4, pp. 22-40, 2019.

PETROSINO, Roberto; CALABRESE, Andrea. Palatalization in Romance. In: *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: J. Bybee and P. Hopper (eds.). *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

PITCHULA. In: Dicionário Informal. Disponível em: dicionarioinformal.com.br. Acesso em: 21 jul. 2026.^

PORTAL DE MIRANDA DODOURO. Dicionário de Mirandês-Português: verbete pítula. Disponível em: <<https://www.mirandadodouro.com/dicionario/traducao-mirandes-portugues/pitula/>>. Acesso em: 21 jul. 2026

SANTOS, Diana; HOFFMANN, Thomas. *Here be dragons? Construction Grammar, phonology, and the double articulation of language*. Ascona: Monte Verità, 2024.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Palatalização das oclusivas alveolares no português brasileiro e nas línguas do mundo: restrições estruturais de alvo e gatilho. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 71, p. 94-103, maio/ago. 2016.

SEIDE, Márcia Sipavicius; PETRULIONĖ, Lolita. Formação e usos de nomes hipocorísticos no português do Brasil e no idioma lituano. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 64, e11611, p. 1-27, 2020.

SILVA, João [@joaosilva]. Entendendo as gírias da internet: o que significa tchola. TikTok, 15 maio 2024. Disponível em: [tiktok.com](https://www.tiktok.com). Acesso em: 24 jul. 2026.

TCHOLA. In: DICIONÁRIO INFORMAL. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/tchola>. Acesso em: 26 set. 2025.

TONI, A. "/ titia / ou / tʃitʃia /? Evidências da psicolinguística e da fala infantil sobre o status fonológico das africanas [tʃ, dʒ] *." *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos* 24, no. 1 (setembro de 2020): 36–71.

TRAUGOTT, E. C. "Revisiting Subjectification and Intersubjectification". In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010. pp. 1-23. (Topics in English Linguistics).

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

UNGERER, Tobias; HARTMANN, Stefan (2023). *Linguistic Knowledge and Language Use: Understanding Construction Grammar and Relevance Theory*. Cambridge University Press.

VOCÊ NUNCA ESTEVE SOZINHA: o doc de Juliette. Direção Geral: Patricia Carvalho. Direção: Patricia Cupello. Rio de Janeiro: Globoplay, 2021. Disponível em: globo.com. Acesso em: 24 jul. 2026.